

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de SP Class.: MACRO001
 Data: 02/10/94 Pg.: _____

Bahia faz 'liquidação' de animais em extinção

VICTOR AGOSTINHO
 Enviado especial ao sul da Bahia

Com alguma lábia e pouco dinheiro qualquer pessoa pode comprar animais silvestres no sul da Bahia. Apesar de caça e comércio serem proibidos por lei federal —crime inafiançável—, a captura desses animais dentro das reservas faz parte do cotidiano da região.

Os animais vendidos nas cidades de Eunápolis, Barrolândia, Porto Seguro, Cabrália e Itabela vêm basicamente das reservas de Monte Pascoal e Vera Cruz.

Mais do que a afronta à lei, o maior problema é que algumas espécies comercializadas pelos caçadores são raras e outras estão ameaçadas de extinção, segundo levantamento feito pela S.O.S. Mata Atlântica.

Uma jaguatirica (felino ameaçado de extinção) pode ser encomendada aos caçadores por R\$ 100 (no máximo R\$ 150, "se der muito trabalho"), o mesmo preço do papagaio-de-cabeça-vermelha.

Manuel Carlos Viana, caçador que retira animais em Belmonte, explica que o preço da jaguatirica é o mesmo do papagaio porque a ave tem muita procura.

"Todo mundo quer papagaio. Quem é que vai ficar com a jaguatirica?", pergunta Viana.

O caçador ensina como capturar o felino e a ave: "A gente faz uma aratãca (buraco no chão coberto por uma trama de gravetos) e coloca um leitãozinho no centro. Quando a jaguatirica for comer o leitão, a gente pega a bicha".

Já os papagaios são pegos com visco. "Deixo fruta ou semente de dendê num galho com visco (uma gosma). Ele fica grudado", diz.

Alvani Lacerda, "ex-caçador", hoje cria, livres, nove mi-cos-de-cara-branca atrás de sua casa, vizinha à reserva Vera Cruz, em Porto Seguro. De vez em quando vende algum.

A tática para manter a criação sempre perto de casa: "Peguei um casal e criei na gaiola. Quando tiveram filhotes, fui criando soltos e dando comida (frutas e bolo). Hoje, os filhotes já tiveram outros filhotes e todos ficam aqui por causa da comida. Se precisar, vendo."

Eulálio Ferreira dos Santos cria

ilegalmente pacas na periferia de Eunápolis. Até a semana retrasada, mantinha dez animais num cercado. "Mas cinco fugiram. Agora vou ter que pegar algumas na mata para aumentar a criação".

Ferreira dos Santos afirma que "o pessoal do Ibama sabe das pacas, mas não faz nada". "Não estou criando para vender. Eu dou de presente. As vezes como uma."

Ao norte de Eunápolis, perto da reserva de Monte Pascoal, José dos Santos mantinha em engradados três periquitos jandaia.

Ele oferecia as aves, por R\$ 25, aos motoristas que passavam pela BR-101 e dizia que o periquito era papagaio. "É um papagaio bebê".

Com esse trambique, José conta que ele e um colega conseguiram vender 25 jandaia num domingo.

Todos os caçadores disseram saber que o que fazem é crime.

Os 2,24% de Mata Atlântica que sobraram no sul da Bahia correm risco de ser desmatados. Só Eunápolis, que tem 15 serrarias em operação —mas já abrigou 300—, derruba todos os meses cerca de 5.000 árvores centenárias.

A madeira é retirada de forma irregular na região. Quando há documentação autorizando o transporte das toras, geralmente é falsificada, reconhece o Ibama.

De acordo com denúncias do Gambá (Grupo Ambientalista da Bahia), a madeira nobre retirada do sul da Bahia é exportada para Europa e Estados Unidos. A menos valorizada vira carvão.

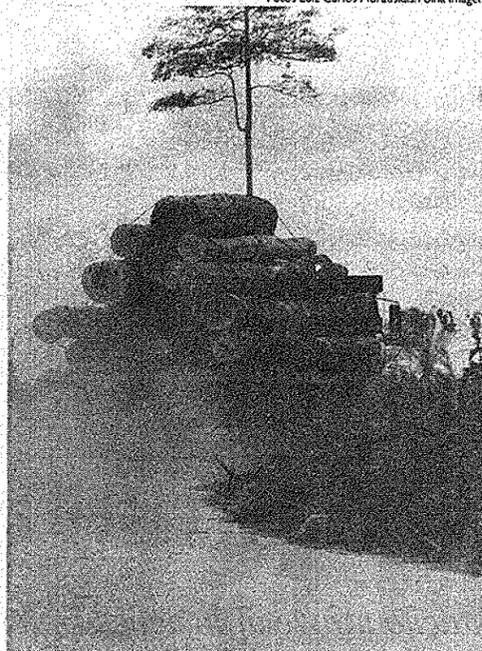
Segundo o carvoeiro Ovídio de Deus, de Cabrália, enquanto as metros cúbicos do jacarandá, o "peão" contratado para fazer o desflorestamento irregular recebe R\$ 22,50 por cada hectare (um campo de futebol) derrubado.

Gilbercy Caminha, superintendente do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) na Bahia, afirma saber da ação dos caçadores e que há desmatamento.

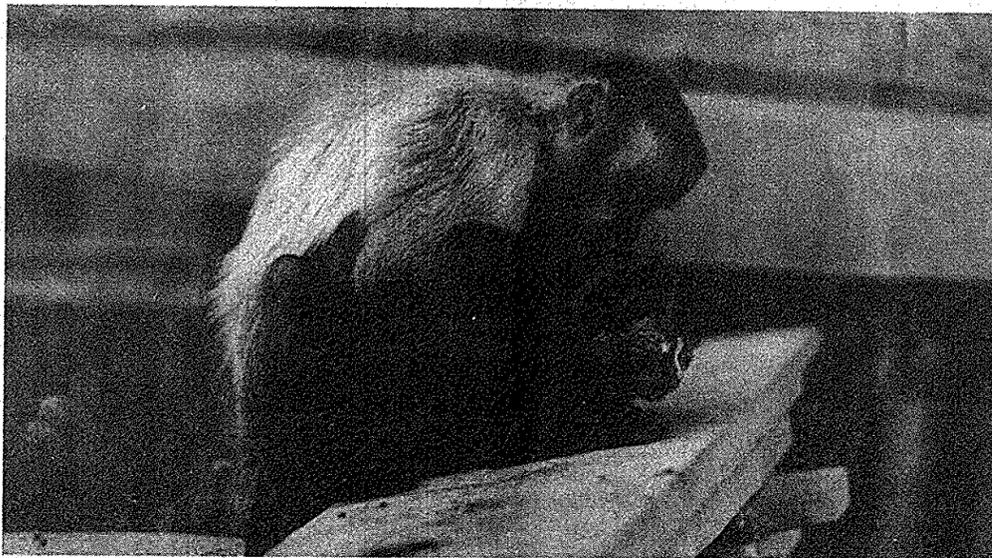
Caminha diz que a partir desta semana o cenário de caminhões repletos de toras circulando pelas estradas deve ser modificado: "Retirei o escritório regional de Porto Seguro e transferi para Eunápolis, no entroncamento das rodovias. Haverá mais fiscalização".



Carvoeiro carrega motosserra em Cabrália; caminhão leva toras para serrarias de Eunápolis



Fotos Luiz Carlos Murakias/Folha Imagem



GATO 'ADOTADO'

Depois de perder o filhote —vendido por caçadores—, a fêmea de macaco-prego Chica adotou um gatinho órfão e passou a cuidar dele como se fosse seu. Chica foi capturada, prenha,

há um ano e é mantida nos fundos de uma casa em Porto Seguro (BA), presa pela cintura. A veterinária Cristina Fotin diz que Chica transferiu todo seu instinto materno para o gato.

Reserva tem 24 espécies ameaçadas, diz estudo

Do enviado especial

Um levantamento feito pelo ornitólogo Dante Martins Teixeira, da Universidade Federal do Rio Janeiro, identificou a presença de 24 espécies de animais ameaçadas de extinção na reserva Vera Cruz, situada entre os municípios de Cabrália e Porto Seguro.

A reserva tem 6.080 hectares (aproximadamente 6.080 campos de futebol) e pertence à Vera Cruz Florestal, uma empresa do grupo Odebrecht.

Doze espécies de mamíferos —sendo seis das oito espécies de felinos brasileiros—, 11 aves e um réptil ameaçados de extinção ainda vivem na reserva.

Isso significa que 24,48% dos animais ameaçados de extinção no Brasil podem ser encontrados no sul da Bahia.

Entre os mamíferos, a descoberta mais animadora, segundo o inventário, é a presença do tatu-canastra (*Priodontes maximus*). Este tatu é o mais conhecido, atingindo 95 cm de comprimento e 50 kg de peso.

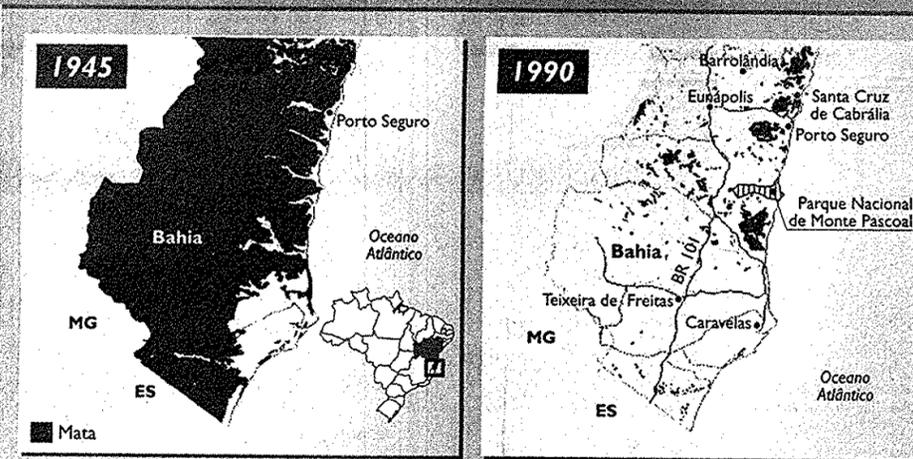
A Vera Cruz Florestal pretende transformar esta área da Mata Atlântica em um banco genético que servirá de ponto de partida para a recomposição da floresta em locais degradados.

Segundo Anders Tosterud, gerente ambiental da Vera Cruz, a empresa estuda convênios com outras instituições para a difusão de informações sobre a biodiversidade da reserva.

Outra iniciativa em estudo é a implantação de turismo ecológico na reserva. (VA)

Editoria de Arte/Folha Imagem

O FIM DA MATA ATLÂNTICA



Levantamento feito a partir de fotos aéreas

O MERCADO NEGRO

Periquito jandaia	R\$ 25
Papagaio-de-cabeça-vermelha	R\$ 100
Tatu	entre R\$ 18 e R\$ 25
Jaguatirica	entre R\$ 100 e R\$ 150
Quati	R\$ 50
Saruê	R\$ 20
Cotia	R\$ 30
Paca	R\$ 30
Tucano	R\$ 40
Mico-de-cara-branca	R\$ 40
Tamanduá	R\$ 15

Os caçadores pedem de 20 a 40 dias para entregar a encomenda. Se o animal for capturado antes desse prazo, ligam para o "cliente" avisando.